

ENTREVISTA

EC – Qual foi a influência das redes sociais na última eleição?

Branco – Uma pesquisa feita por uma agência de comunicação grande constatou o que nós já sabíamos: apenas 32% dos conteúdos que circularam nas redes sociais vieram dos grupos de comunicação, dos portais; 30% vieram de indivíduos e 20% das coordenações de campanha. As redes sociais não são tudo, mas podem definir uma eleição. A *internet* tem uma coisa muito positiva, ela é um espaço de organização. Então ela serviu na última eleição, pelo menos na campanha da Dilma, que eu conheci de perto, como o principal espaço de organização. Todos os comícios eram convocados pela *internet*. E nós transmitíamos ao vivo. Havia 20 mil presentes, mas 30 mil acompanhando remotamente, *blogando*, *tuitando* e colocando no *Facebook* em tempo real. Nós conseguimos com que tudo que fosse falado nos comícios primeiro aparecesse na *internet*, sob a voz dos nossos apoiadores, antes de qualquer empresa de comunicação. Dizíamos que a melhor cobertura das eleições nós tínhamos que fazer. Conseguimos.

EC – Houve resistência dentro do partido?

Branco – Lula e Dilma foram os principais esti-

muladores do nosso trabalho na *internet*, pessoalmente. Houve incompreensões das coordenações do partido, pessoas que não viam a *internet* como algo importante. Mas quando não deu no primeiro turno, a culpa era das redes sociais (risos). É óbvio que as coligações partidárias terão que pensar na *internet* não só como espaço de disputa dos votos e da opinião pública da rede, mas principalmente como um espaço de formação de opinião, argumentos e contra-argumentos para que esse militante colha isso na rede e vá disputar na rua.

EC – Como vê os movimentos contra a corrupção no Brasil?

Branco – É um movimento conservador de direita insuflado pelas grandes empresas de comunicação. E reúne meia dúzia de gatos-pingados. Aqui em Porto Alegre tivemos uma experiência no dia 15 de outubro com uma marcha gigantesca. O *150 de Porto Alegre* foi o maior do Brasil. Por quê? Ali teve a presença dos militantes partidários e sindicais. Mesmo que não tenha sido um ato partidário. Conseguimos unificar aqui militantes de esquerda de todos os partidos com outros movimentos e o movimento anti-corrupção queria se adonar do 15 de Outubro, que é um

movimento global anti-capitalista. Os líderes do movimento anti-corrupção são capitalistas. Não têm nada mais quadrado do que a OAB. Eles usam a *internet*? Usam também. Qualquer um pode usar.

EC – E qual tua opinião sobre o movimento recente de um grupo de estudantes na Universidade de São Paulo contra a presença da polícia no campus?

Branco – Demonstra uma incapacidade desta gestão da USP de conviver com a democracia. Nós lutamos durante anos no Brasil pela autonomia universitária, para que a universidade fosse um território livre. Em época de democracia, a polícia não pode entrar lá. A repressão começou com o pretexto de que eram jovens que estavam ali fumando maconha. Mas foi desproporcional. Faltou diálogo. Uma coisa é resolver a questão dos estudantes que querem segurança dentro do campus porque estão sendo roubados, outra coisa é a polícia chegar batendo. Foi um absurdo. Mesmo que fosse uma minoria, com uma pauta que não abrangesse todos os estudantes da universidade, tinha que ter diálogo. Só que eles foram tratados na porrada. Isso é inaceitável.



JOSÉ ANTÔNIO ALONSO/ECONOMIA

Perspectivas para 2012

Ao aproximar-se o final do ano, mobilizam-se os analistas de todos os tipos para verificar o desempenho da economia no período que termina e discutir as perspectivas para o próximo exercício. Essa tarefa vem se tornando cada vez mais difícil devido à crise dos mercados financeiros e à consequente instabilidade das economias centrais (EUA e UE), que amargam queda da atividade econômica e altas taxas de desemprego.

A questão que se coloca é: como a economia brasileira vai se comportar em 2012 em face desse ambiente externo adverso e às suas próprias potencialidades internas? Pelo andar da “carreta”, “as abóboras somente vão se acomodar” no longo prazo, o que significa que não se deve esperar impulsos ao nosso crescimento, vindos do *front* externo. Daí, só nos resta contar com a Ásia (China) e os nossos parceiros da América Latina e da África, esses com peso comercial muito menor.

Posto isso, o cenário que se desenha aponta uma importância estratégica do mercado interno no próximo período. Nesse sentido, há pelo menos três fatores que poderão dar fôlego à economia brasileira em 2012. O primeiro é a possível queda na taxa de juros básica (Selic), que segundo alguns economistas poderá alcançar 9% ao ano. Isso leva os juros reais a diminuírem, o que representa um forte estímulo à atividade econômica, tanto pelo lado do investimento



quanto pelo do consumo. Observe-se que as taxas de juros praticadas por agentes privados já haviam despencado após o corte da Selic promovido pelo Banco Central em agosto último.

O segundo fator de crescimento, não desprezível, é o aumento do salário mínimo em, aproximadamente, 14% em janeiro de 2012. Isso representa um acréscimo de algo como R\$ 46 bilhões aos que ganham essa remuneração – na ativa ou como beneficiários do INSS.

A propensão é que essa dinheirama adicional se destine totalmente ao consumo. Em 2011 estima-se que essa fração da população receba R\$ 18 bilhões, quase três vezes menos do que receberá em 2012. Por fim, uma terceira fonte de estímulo ao crescimento tem origem no investimento público, que deverá aumentar em 2012 depois de uma redução da velocidade de expansão dos gastos em 2011, por parte da União, dos estados e dos municípios. Essas três esferas de governo representam em torno de um terço da economia, portanto, um peso considerável na formação do PIB. Tal esforço de investimento deve-se ao déficit de infraestrutura do país, que parece ter batido no teto, e à premência de eventos como a *Copa de 2014* e a *Olimpíada de 2016*. Espera-se que prevaleça uma perfeita sincronização entre as três esferas de governo na condução desse programa.

Se esse arranjo for bem conduzido, poderemos tangenciar os efeitos mais perversos da crise externa e construir bases mais sólidas para o crescimento do país já em 2012. É possível crescer algo em torno de 3,5% com a inflação convergindo para o centro da meta ou não ultrapassando o teto. Além disso, será possível reduzir a pressão sobre a dívida pública e reduzir a apreciação do Real, abrindo espaço para um esforço de substituição de importações de manufaturados. Precisamos nos vacinar contra a “doença holandesa”, que parece estar rondando a economia brasileira.